

**A lição de Rodrigo: formações discursivas em torno de
Rodrigo Melo Franco de Andrade e o patrimônio cultural brasileiro**

*The Rodrigo's lesson: considerations about the discursive construction
processes about Rodrigo Melo Franco de Andrade and Brazilian cultural heritage*

Leticia Bauer
Doutoranda, PPGH-UFRGS
Bolsista CNPq
lelebauer@hotmail.com.

Resumo: Rodrigo Melo Franco de Andrade foi diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, de 1937 a 1968. Esse período ficou conhecido como “a era de ouro do IPHAN” ou, ainda “a fase heróica” da instituição. No ano de 1969, pouco depois de seu falecimento, foi publicado o livro *A lição de Rodrigo*, homenagem de diversas pessoas ligadas ao ex-diretor. Por meio de alguns artigos que integram o livro, proponho considerações acerca dos processos de construção discursiva em torno de Rodrigo M. F. de Andrade como homem-instituição.

Palavras-chave: Rodrigo Melo Franco de Andrade, Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), homem-monumento.

Abstract: Rodrigo Melo Franco de Andrade was the director of the Service for the Protection of Historical and Artistic Heritage (SPHAN), nowadays National Historical and Artistic Heritage Institute (IPHAN), from 1937 to 1968. This period became known as "the golden age of IPHAN" or also as "the heroic phase" of the institution. The book The Rodrigo's lesson was published in 1969, soon after his death, as a tribute to the director from several colleagues. Through some articles contained in this book, I propose considerations about the discursive construction processes regarding Rodrigo M. F. de Andrade as a one-maninstitution.

Key-words: Rodrigo Melo Franco de Andrade, Service for the Protection of Historical and Artistic Heritage (SPHAN), one-maninstitution.

Datas comemorativas nunca são aleatórias. O *Dia Nacional do Patrimônio Histórico* é celebrado em 17 de agosto. Não se trata, entretanto, de uma data relacionada a um ato político ou à criação de uma instituição representativa da salvaguarda de bens culturais materiais ou imateriais. Em 17 de agosto de 1898 nascia Rodrigo Melo Franco de Andrade, um dos criadores e primeiro diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN)¹.

¹ Atualmente a instituição, vinculada ao Ministério da Cultura, denomina-se Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Rodrigo M. F. de Andrade dirigiu a instituição federal entre 1936, quando o Serviço começou a funcionar em caráter provisório, até 1967, ano de sua aposentadoria. O período de sua direção tornou-se conhecido como a fase “heróica” da instituição e é assim caracterizado nas mais diferentes referências bibliográficas².

Um levantamento no Banco de Teses da Capes indica a existência de 35 trabalhos acadêmicos que enunciam o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional como dado expressivo na constituição de seus argumentos e nenhum trabalho acerca de Rodrigo Melo Franco de Andrade. Entretanto, em todos os resumos seu nome é mencionado como relevante para compreensão do objeto de pesquisa.

Rodrigo não foi objeto de uma biografia propriamente dita. Não há trabalho dedicado a ele, muito menos pesquisadores que se detiveram a escrever sobre suas experiências profissionais e pessoais. Entretanto, contamos com uma imagem de Rodrigo forjada por diferentes instâncias e épocas. Figura discreta, avessa à celebração de sua imagem, engajada física e espiritualmente na “causa” do patrimônio. Essa resumida, diminuta, quase inexistente biografia possui, curiosamente, uma potente força de síntese. Basta mencionar seu nome para que a sigla SPHAN seja prontamente acionada. Como essa figura de força foi construída ao longo dos anos?

Não são poucas as referências que tomam a figura de Rodrigo Melo como pressuposto, como presença determinante e naturalizada junto à categoria “patrimônio cultural”. Essa menção torna-se, então, ágil trampolim. Aludir seu nome parece dar conta de uma série de significados que, supostamente, viriam atrelados a tal referência. Ultrapassada e cumprida essa fase onde é “obrigatória” a menção a Rodrigo, torna-se possível, então, tratar de outros assuntos relativos ao campo do patrimônio cultural em trabalhos técnicos e acadêmicos sobre o tema.

Essa constatação é o ponto de partida para projeto de doutorado, cujo título provisório é *O homem e o monumento: criações e recriações da figura de Rodrigo Melo Franco de Andrade*. O objetivo central da pesquisa é analisar e compreender em que medida e por quais processos a imagem pública de Rodrigo Melo Franco de Andrade é construída e reconstruída

² Vale recordar a advertência de Pollak (1992:2): “quando se fala nos ‘anos sombrios’, para designar a época de Vichy, ou quando se fala nos ‘trinta gloriosos’, que são os trinta anos posteriores a 1945, essas expressões remetem mais a noções de memória, ou seja, a percepções da realidade, do que à factualidade positivista subjacente a tais percepções”. Essa afirmação pode relacionar-se à construção da fase de atuação de Rodrigo Melo Franco de Andrade como “heróica”, na medida em que parece corresponder a uma caracterização *a posteriori*.

em relação ao campo do patrimônio cultural no Brasil, articulando discursos pessoais e profissionais à luz dos trabalhos do campo da memória e da disciplina histórica. A rapidez com a qual se passa por Rodrigo Melo Franco de Andrade indica, de um lado, sua naturalização como personagem definidor da área do patrimônio no Brasil e, por outro, imediatamente complementar, a ausência de análise mais detida e minuciosa de sua figura e ações.

Ao examinar a documentação existente sobre Rodrigo Melo Franco de Andrade que foi publicada pela Fundação Nacional pró-Memória em 1985 e 1987, percebe-se um esforço em apresentar, por meio da reprodução de uma coletânea documental, a fortuna crítica produzida por e sobre Rodrigo. A primeira publicação, intitulada *Rodrigo e seus tempos* (1985), traz apontamentos do diretor do SPHAN sobre arte, literatura e história brasileira. Esse volume, ao contrário do que seria de se esperar, é maior do que o segundo, publicado dois anos depois e intitulado *Rodrigo e o SPHAN* (1987)³. Essa comparação é interessante porque relativiza uma imagem de Rodrigo fundada exclusivamente em sua relação com o Serviço. Sua relação com a literatura, por exemplo, é pouco enfatizada. Rodrigo publicou somente um livro - com sete contos, todos dedicados ao tema da morte -, mas deixou em muitos o desejo de ler mais. Rachel de Queiroz lamentava-se, em 1969, ao afirmar que entre o patrimônio e a literatura, Rodrigo não hesitava: “O que a gente chora é a abundância perdida, a quantidade que faltou. Pois se ganho só um livro, quando poderia esperar meia dúzia, é claro que me dói o prejuízo” (QUEIROZ, 1969, p. 96).

A referência sobre a qual gostaria de me deter nesta breve apresentação foi publicada em agosto de 1969. Trata-se de *A lição de Rodrigo*, conjunto de 47 depoimentos de diferentes autores sobre Rodrigo Melo Franco de Andrade. A coletânea, iniciativa do então 1º Distrito da DPHAN⁴, foi idealizada como homenagem ao ex-diretor e seu lançamento havia sido previsto para ocorrer em Recife, com a presença de Rodrigo. Entretanto, a obra tornou-se *in-*

³ O Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade está em sua 24ª edição. Foi criado justamente na década de 1980, mais especificamente em 1987, num período em que a imagem de Rodrigo torna-se antagonista, se é possível utilizar esta palavra, de outro marcante diretor, Aloísio Magalhães. Esses dois personagens estão diretamente ligados ao campo de luta material e simbólica de configuração do patrimônio cultural no Brasil. Entretanto, esse processo não é apenas produto de ações dos dois diretores, na medida em que a imagem de ambos foi sistematicamente redefinida em função das disputas próprias ao campo do patrimônio.

⁴ A denominação do Instituto foi modificada diversas vezes: Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ SPHAN (1937-1946); Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ DPHAN (1946-1970); Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ IPHAN (1970-1979); Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ SPHAN (1979-1990); Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural/ IBPC (1990-1994); Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ IPHAN (desde 1994), conforme esclarece José Pessoa (2004, p.11).

memorian, tendo o homenageado falecido em maio de 1969. A publicação foi acrescida do elogio fúnebre pronunciado na missa de sétimo dia de falecimento de Rodrigo M. F de Andrade realizada em Recife, fechando de forma inesperada a publicação que ambicionava o reconhecimento elogioso de 30 anos de trabalho. Destes 47 depoimentos, gostaria de destacar nesse primeiro momento da pesquisa os de Carlos Drummond de Andrade, de Pedro Dantas e de Luiz Jardim. Cada um, a sua maneira, engendrou explicações e utilizou-se de interessantes metáforas para caracterizar a relação de Rodrigo com o SPHAN e o patrimônio cultural brasileiro.

O livro possui dois textos de abertura, sendo que o segundo, ao que tudo indica, foi acrescido após o falecimento de Rodrigo. Sem assinatura, o texto define a publicação da seguinte forma:

Livro de província é, entretanto, o espelho do que o Brasil diz e depõe, com justiça, a respeito do grande morto; o seu desaparecimento ainda mais justifica o título deste, fixado bem antes de sua morte. Aqui fica, é verdade, registrada u'a homenagem a Rodrigo Mello Franco de Andrade; aqui fica, porém, ainda mais, o exemplo de sua vida. Defendendo os nossos monumentos históricos e artísticos êle edificou, êle próprio, o mais belo monumento, que é a sua vida, aberta à respeitosa admiração dos brasileiros (DPHAN, 1969, [s.p.]).

Antes de discorrer, ainda que brevemente, sobre o título do livro e o texto que o definiu, penso ser relevante chamar a atenção para a idéia de que a imagem de Rodrigo Melo Franco de Andrade por ser associada ao que poderia ser denominado “homem-monumento”, tomando como referência as considerações de Jacques Le Goff (2003) acerca de documentos-monumentos⁵. Em *A lição de Rodrigo*, é possível verificar um duplo processo, na medida em o livro, passível de ser caracterizado como um documento-monumento, produz um homem-monumento personificado por Rodrigo M. F. de Andrade. Ainda sobre a relação entre documento e monumento, é pertinente citar o trabalho de Michel Foucault. Afirma o autor:

em nossos dias, a história é o que transforma os documentos em monumentos e que desdobra, onde se decifravam rastros deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em profundidade o que tinham sido, uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados

⁵ Documentos-monumentos, de acordo com o autor, são “resultados do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias” (LE GOFF, 2003, p. 538).

pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjuntos. Havia um tempo em que a arqueologia, como disciplina dos monumentos mudos, dos rastros inertes, dos objetos sem contexto e das coisas deixadas pelo passado, se voltava para a história e só tomava sentido pelo restabelecimento de um discurso histórico; poderíamos dizer, jogando um pouco com as palavras, que a história, em nossos dias, se volta para a arqueologia – para a descrição intrínseca do monumento (FOUCAULT, 2009, p. 8).

Some-se a estas considerações o dado que na publicação da DPHAN, a articulação dos depoimentos é mediada pelas memórias daqueles conviveram, trabalharam ou admiraram Rodrigo e foram chamados a registrar seus depoimentos, num trabalho de organização e enquadramento de memórias no sentido atribuído por Michael Pollak (1992, p. 4-5).

A lição de Rodrigo é o título do artigo de Pedro Dantas, pseudônimo de Prudente de Moraes Neto, cuja relação com Rodrigo e com o SPHAN deu-se por diferentes caminhos. Foi assistente jurídico do Serviço durante seus primeiros de atuação e integrou, posteriormente, o Conselho Consultivo do SPHAN. Além disso, Rodrigo publicou um de seus raros contos na revista *Estética* (1924-1925), dirigida por Prudente de Moraes Neto e Sérgio Buarque de Holanda (BARBOSA, 2002, p. 20-21).

Pedro Dantas relata que soubera do convite para Rodrigo antes mesmo do futuro diretor graças a Gustavo Capanema, então Ministro da Educação e Saúde, que lhe contara durante uma carona de carro sobre a intenção de criar um Serviço dedicado à proteção do patrimônio cultural brasileiro. Afirma Dantas:

Quanto a mim, por mais que me esforçasse, confesso que não conseguia participar do entusiasmo do Ministro. Separamo-nos – ele, eufórico, eu lançado em perplexidade. Não via muito bem a função como adequada a Rodrigo, capaz de proporcionar-lhe o campo que faltava à sua devida realização (DANTAS, 1969, p. 89).

A partir dessa memória, Pedro Dantas inicia então sua leitura sobre a gestão de Rodrigo M. F. de Andrade na direção do SPHAN. Segundo ele, Rodrigo edificou “êle próprio, um monumento nacional”, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico (DANTAS, 1969, p. 90). Mais que isso, seu texto dá a ver, talvez da forma mais explícita, a idéia de edificação de um homem-monumento:

Criou-o [SPHAN] à sua imagem, insuflando-lhe um pouco da própria vida.

E tão profundamente o marcou, tanto lhe deu de si, que lhe traçou rumos definitivos, mesmo à futura trajetória. Imortalizou-se nele, como aconteceu em todo o legado e transmissão de vida. Reciprocamente, o Patrimônio o marcou também, para sempre, com a fixação de um ângulo visual, de um prisma que êle fez os óculos que são sua segunda natureza, complemento indispensável à configuração do mundo e ao dimensionamento de seus valores. Rodrigo, possuído do espírito do Patrimônio, que êle enformou, é a expressão de uma correspondência privilegiada, que a muito poucos eleitos pode reservar a vida. Acompanhante dêsse processo de fixação e transubstanciação, que uniu o homem e cargo numa simbiose perfeita, verifiquei, de há muito, a sem-razão de minha perplexidade, quando o destino de Rodrigo ainda estava por se precipitar (DANTAS, 1969, p. 91).

Na narrativa de Pedro Dantas, Rodrigo “transubstancia-se”, o homem institucionaliza-se, a instituição personaliza-se. Ao finalizar, Dantas refere-se a “extraordinária, a admirável, a perene lição de Rodrigo” (DANTAS, 1969, p. 92). Creio que merece atenção o fato que é justamente o título desse texto que dá nome ao livro.

O segundo autor que gostaria de referir é Carlos Drummond de Andrade, que foi chefe de gabinete de Gustavo Capanema e Chefe do Arquivo e da Seção de História do SPHAN. Sua homenagem divide-se em três textos publicados no Correio da Manhã. Destes três, gostaria de me deter no poema, publicado em 1966, intitulado *Velho Amor*. Esse poema, que passou a integrar a Antologia Poética de Drummond, tem como tema a relação de Rodrigo com o patrimônio cultural brasileiro:

Oh, como vai nosso Rodrigo
M. F. de Andrade, atento
ao que possa fazer o vento,
intempérie, maldade, acaso,
a seu amor, e como luta,
bravo e sutil, em campo raso,
contra a solércia do inimigo!
Aqui vence um capoeira, adiante
um cartola, e outros, centenas
de investidas contra as serenas
feições e formas do seu *love!*
[...]
De outro amante assim tão gamado
juro não sei, que este encanece
sem azedume em face às sorte
que tanto exige de ternura
e de defesa contra a morte
- morte, ruína, eterna ameaça
a pairar sobre sua amada.
[...]

Assim diz Rodrigo, e convoca
os mais argutos, credenciados
companheiros para o serviço
do seu bem, e todos acodem
a essa amável intimação:
Por Dom Rodrigo e sua dama!
[...]
Já que pequei por indiscreto,
darei todo o serviço: o nome
da namorada rodriquiiana,
essa imarcescível Roxana,
é a Arte Antiga do Brasil,
que com seu diadema de História
no dia 23 de abril
há trint'anos nele encontrou
o mais fiel e humilde escudeiro,
o que não aspira a maior glória
senão ir à Glória do Outeiro.
São trint'anos de luta vã?
Não e nunca, pois amanhã
todo o país, agradecido,
saberá louvar, por inteiro,
êste casal Rodrigo-PHAN
(ANDRADE, 1969, p. 29-31).

Este documento-monumento conforma outra caracterização de Rodrigo Melo Franco de Andrade. Rodrigo é um vigilante apaixonado, defensor das feições e formas de seu amor, a “Arte Antiga do Brasil”. Como amante fiel, defende-a contra o desaparecimento. O poema data de 1966, exatos 30 anos do início das atividades do SPHAN no país. A data de 23 de abril não corresponde a nenhum dos documentos oficiais da instituição e provavelmente refere-se ao aceite de Rodrigo ao convite do Ministro Capanema, tendo em vista em 13 de abril de 1936 ocorre a solicitação de inclusão do SPHAN na estrutura do Ministério da Educação e Saúde e 19 de abril Getúlio Vargas, então presidente da República, aprova a iniciativa, sendo a primeira medida adota nomear um diretor (SPHAN, 1980, p. 23). Drummond utiliza-se da imagem do casamento para encerrar seu poema, publicado cerca de um ano antes de Rodrigo afastar-se da direção da instituição. Diferentemente de Pedro Dantas, Carlos Drummond de Andrade coloca Rodrigo em relação direta com o patrimônio histórico e artístico nacional, tornando a relação do diretor com a instituição um meio de ação.

Como última menção, gostaria de evocar o depoimento *O exemplo*, de Luiz Jardim. Escritor e artista plástico, foi ilustrador do primeiro número da Revista do Patrimônio, além de ter publicado dois artigos na mesma. Foi responsável pela ilustração de *Velórios*, único

livro publicado por Rodrigo (SILVA, 2010, p. 90). Afirma Jardim:

Quem resistiria ao *exemplo*? Havia em Rodrigo, um poder de sedução; êle era o exemplo feito gente. De fato, Rodrigo encarnava a instituição a que dava a sua inteligência, a sua dignidade e o seu trabalho, quase sem pausa. Todos nós aderimos ao SPHAN, representação de uma personalidade: Rodrigo (JARDIM, 1969, p. 67)

Estas três referências - Pedro Dantas, Carlos Drummond de Andrade e Luiz Jardim - evidentemente fazem parte de um corpo maior de 47 textos que buscam, por meio de depoimentos, dar forma e conteúdo a imagem de Rodrigo. É bastante provável que análise completa de *A lição de Rodrigo* aponte para a configuração de outras tantas criações discursivas capitais deste homem-monumento.

Rodrigo transubstanciado, Rodrigo enamorado, SPHAN Rodrigo. O fim do período de atuação de Rodrigo M. F de Andrade inaugura um elaborado processo de construção discursiva. O início de um trabalho minucioso e potente de criação de um herói para uma fase heróica, distante no tempo, mas vivamente ativo e contemporaneamente emulado a partir d' *A lição de Rodrigo*. Localizá-lo no discurso contemporâneo, inclusive acadêmico, é uma das propostas da pesquisa que ambiciono realizar e cujos resultados espero, em breve, poder compartilhar.

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. In.: DIRETORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *A lição de Rodrigo*. Recife: Escola de Artes da UFPe, 1969.
- BARBOSA, Ana Cláudia Bandeira. Perfil de Prudente de Moraes, Neto. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada. Assis, 2002.
- DANTAS, Pedro. *A lição de Rodrigo*. In.: DIRETORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *A lição de Rodrigo*. Recife: Escola de Artes da UFPe, 1969.
- DIRETORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *A lição de Rodrigo*. Recife: Escola de Artes da UFPe, 1969.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FUNDAÇÃO NACIONAL PRÓ-MEMÓRIA. Rodrigo e o IPHAN: coletânea de textos sobre o patrimônio cultural. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Nacional Pró-Memória, 1987.

_____. Rodrigo e seus tempos: coletânea de textos sobre artes e letras. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Nacional Pró-Memória, 1986.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2003.

JARDIM, Luiz. O exemplo. In.: DIRETORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. A lição de Rodrigo. Recife: Escola de Artes da UFPe, 1969.

PESSÔA, José (Org.). Lucio Costa: documentos de trabalho. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n. 10, 1992.

QUEIROZ, Rachel de. Rodrigo M. F. de Andrade. In.: DIRETORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. A lição de Rodrigo. Recife: Escola de Artes da UFPe, 1969.

SECRETARIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL/
FUNDAÇÃO NACIONAL PRÓ-MEMÓRIA. Proteção e revitalização do patrimônio cultural no Brasil: uma trajetória. Brasília: MinC, 1980.

SILVA, Cíntia Mayumi de Carli. Revista do Patrimônio: editor, autores e temas. Dissertação (mestrado) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. Rio de Janeiro, 2010.